

Antoine de Saint-Exupéry e o Campeche: a legitimação de uma história sem registros escritos - Mariana Ferreira

Antoine de Saint-Exupéry e o Campeche: a legitimação de uma história sem registros escritos

Mariana Ferreira*

mariana.ferreira@hotmail.com

Universidade Federal de Santa Catarina

RESUMO: Este artigo pretende abordar a história da presença do aviator e escritor Antoine de Saint-Exupéry no bairro Campeche, em Florianópolis, bem como de sua amizade com “Seu Deca”, morador do local à época do antigo campo de pouso da Companhia Geral Aeropostal que havia no local nas décadas de 1920 e 1930. Analisaremos entrevistas orais realizadas com pessoas que viveram neste contexto, juntamente com a contribuição de bibliografias mais atuais sobre o tema que apresentam importantes contradições que serão aqui estudadas.

PALAVRAS-CHAVE: Campeche, Saint-Exupéry, “Deca”.

ABSTRACT: This article aims to tackle the history of the presence of the aviator and writer Antoine de Saint-Exupéry in the neighborhood Campeche, Florianópolis, and his friendship with "Seu Deca", local resident at the time of the former airfield Company's General Aeropostal that was in place in the 1920s and 1930s. Analyze oral interviews conducted with people who lived in this context, together with the contribution of more current bibliographies on the topic that have important contradictions that will be studied here.

KEYWORDS: Campeche, Saint-Exupéry, “Deca”.

Antoine de Saint-Exupéry and Campeche: the legitimation of a history without written registers

Quando se conhece o bairro Campeche, que fica na região sul da ilha de Florianópolis no estado de Santa Catarina, é comum ficar sabendo que a avenida principal que corta o bairro, chamada Avenida Pequeno Príncipe, é assim denominada em homenagem ao piloto-escritor Antoine de Saint-Exupéry. O autor do livro *O Pequeno Príncipe*, teria passado e permanecido no local diversas vezes quando o território era um campo de pouso da aviação e teria sido apelidado de “Zé Perri” devido à dificuldade dos moradores locais em pronunciarem

* Acadêmica do curso de História da Universidade Federal de Santa Catarina.



Antoine de Saint-Exupéry e o Campeche: a legitimação de uma história sem registros escritos - Mariana Ferreira

seu nome, Saint-Exupéry. Isso pode ser apurado através de moradores do bairro, jornais e eventos da cidade, ou mesmo de informações retiradas da internet que vão de blogs informais até o site da Prefeitura Municipal de Florianópolis.¹

Esta informação despertou nosso interesse para uma pesquisa mais aprofundada que apontasse como se deu o encontro e as relações desenvolvidas entre o famoso aviador e escritor e os moradores do bairro à época do campo de pouso. Durante a pesquisa, porém, nos deparamos com informações conflitantes e polêmicas a respeito deste tema que tentaremos aqui desenvolver.

Como fontes utilizaremos entrevistas “feitas com pessoas que moraram [...] na praia-bairro Campeche. Durante o período dos anos 20 à 45, momento este que funcionou no local, o Campo de Pouso da Companhia Aérea francesa *Aéropostale*.”² Estas entrevistas foram realizadas entre os anos de 1993 à 1995 por Kátia Regina Juncks em seu Trabalho de Conclusão do Curso de História da Universidade Federal de Santa Catarina. Além deste trabalho, tentaremos dialogar principalmente com mais duas obras que nos apresentam alguns dos elementos conflitantes já mencionados: os livros *Deca e Zé Perri* (2001) de Getúlio Manoel Inácio e *Os Aviadores Franceses, a América do Sul e o Campeche* (2012) de João Carlos Mosimann.

Com relação ao procedimento metodológico utilizado, faz-se necessário lançar algumas balizas teóricas para que possamos transitar com estas entrevistas pelo espaço da História Oral, para isso recorreremos à obra *História oral: memória, tempo, identidades* (2010) de Lucilia de Almeida Neves Delgado:

A história oral é um procedimento metodológico que busca, pela construção

¹ Esta afirmação parte da vivência da autora enquanto moradora do bairro mencionado desde janeiro de 2009, mas pode ser observada em uma rápida pesquisa na internet através de alguns endereços como: <http://www.facebook.com/pages/Saint-Exup%C3%A9ry-o-Zeperri/200670733281772> Acesso em 01/06/2013. <http://www.pmf.sc.gov.br/noticias/?pagina=notpagina¬i=6065> Acesso em 01/06/2013. <http://www.zeperri.org/o-projeto/sobre-o-projeto/> Acesso em 01/06/2013.

² JUNCKS, Kátia Regina. *Eles franceses voadores lá, nós ilhéus cá – História do Campeche enquanto campo de pouso da aviação francesa, primeira metade do século XX* – Trabalho de Conclusão de Curso (História) UFSC – Florianópolis, 1995. p. 24.



Antoine de Saint-Exupéry e o Campeche: a legitimação de uma história sem registros escritos - Mariana Ferreira

de fontes e documentos, registrar, através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre a história em suas múltiplas dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais. Não é, portanto, um compartimento da história vivida, mas, sim, o registro de depoimentos sobre essa história vivida.³

Dentro dos procedimentos de história oral, devemos ainda determinar que o tipo de entrevista que analisamos se encaixa no modelo de história de vida que tem por objetivo reconstituir “através do diálogo do entrevistador com o entrevistado, a trajetória de vida de determinado sujeito (anônimo ou público)”. Esta categoria compreende ainda algumas subdivisões, dentre as quais enquadrámos no formato de pesquisa biográfica múltipla, que: “trata-se de um conjunto de depoimentos de história de vida, vinculados a um projeto de pesquisa que se propõe, por exemplo, a recolher depoimentos de sujeitos históricos, anônimos ou não, que atuaram em um mesmo movimento social, político, religioso ou cultural.”⁴

Em 14 de janeiro de 1925, a *Lignes Aériennes Latécoere*, companhia de aviação comercial francesa, inaugura com três aviões o trajeto Rio-Buenos Aires com escalas nas cidades de Santos, Florianópolis, Porto Alegre, Pelotas e Montevideu.⁵ “Piérre Latecoère vende sua empresa de transporte aéreo para seu associado o industrial francês Marcel Bouillooux-Lafont [...] para atuar em território nacional (brasileiro) em 09 de março de 1927, chamando a nova empresa de *Compagnie Générale Aéropostale*.”⁶ É nesse período que se dá a compra definitiva por parte da empresa do terreno no bairro Campeche, em Florianópolis, iniciando o desenvolvimento da estrutura do campo de pouso neste local com a chegada dos pilotos franceses, suas famílias e outros funcionários.⁷

Antoine de Saint-Exupéry, piloto de prova da empresa desde 1926 fazia linhas na região norte da África, quando é chamado já em 1929 para o cargo de diretor de operações da

³DELGADO, Lucilia Neves. *História oral: memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 16.

⁴Ibidem, p. 22.

⁵MOSIMANN, João Carlos. *Os aviadores franceses, a América do Sul e o Campeche*. Florianópolis: Edição do autor, 2012. p. 5-9.

⁶JUNCKS, op. cit, p. 24.

⁷ Ibidem, p. 33.



Antoine de Saint-Exupéry e o Campeche: a legitimação de uma história sem registros escritos - Mariana Ferreira

Aeroposta Argentina, subsidiária da Aéropostale neste país vizinho.⁸

Esta breve descrição do início das atividades da companhia de aviação já instalada no bairro, e da inserção do piloto-escritor na América do Sul são relevantes como forma de contextualizar o período para fazermos a análise das entrevistas já mencionadas.

É importante ressaltar que deste amplo trabalho, que foi feito em 1995 por Juncks, com pessoas que mantinham uma relação de amizade ou de trabalho com os franceses, de maneira geral, iremos destacar apenas os trechos das entrevistas que fazem alusão ao contato destes moradores com Antoine de Saint-Exupéry, visto ser este o nosso objeto de pesquisa.

Para Maria Julia que tinha na época 11 anos e morava ao lado do Campo: Exupery, ele esteve aqui, mas não lembro dele. [...] Os aviões faziam a linha como fazia o Peri, Buenos Aires à Paris; Pelotas a Montevideu, aqui Florianópolis-Vitória-Pernambuco, [...] Primeiro era Correio, depois foi pra passageiros, quando o Peri esteve aqui era Correio, depois é que vieram os aviões pequenos só pra três passageiros, que era piloto, mecânico e telegrafista [...] O Rafael Inácio, era pai do Manoel Rafael o “Deca”, era vizinho dos franceses [...] eles conviviam mais, o Rafael vinha pra cá conversar, era o mais perto, ele convivia com o Peri, se comeu caldo de peixe como está na revista, é porque ele tinha pescaria e engenho de farinha, era muito ligado, vivia conversando todo dia com os franceses, visitava, passava a tarde com eles, ele tinha uma amizade grande.⁹

Para o Sr. Sapiroca, na época com idade de 18 anos e morador da Armação, ele era: O Zé Peri que fazia a linha, e ficava no Campeche uns oito dias esperando o avião, ele não era piloto, acho que era mecânico, conversava em brasileiro, e morava na cidade vinha de caminhão pro Campo, era muito amigo do Deca Rafael. O Zé Peri era trabalhador do Jacquinet, também andava de avião, mas o Jacquinet voou muito mais, ele viajava muito.¹⁰

Seu Hermínio, com 26 anos e vizinho do Campo de Pouso: O Peri eu conversava com ele, mas não lembro de muita coisa, acho que ele devia ter uma mulher, mas ela não era daqui devia ser do Rio de Janeiro porque ele vinha muito de lá e ia também para Porto Alegre. Quem era muito amigo do Peri era o meu companheiro Deca, ele também era amigo do Jacquinet. Eles sempre iam na casa do Deca.¹¹

⁸MOSIMANN, op. cit., p. 76.

⁹JUNCKS, op. cit., p. 91-92.

¹⁰Ibidem, p. 91.

¹¹JUNCKS, op. cit., p. 92.



Antoine de Saint-Exupéry e o Campeche: a legitimação de uma história sem registros escritos - Mariana Ferreira

Havia mais duas entrevistadas chamadas D. Das Dores que tinha 29 anos na época e morava a um quilômetro do Campo de Pouso, e D. Josefa que tinha 23 anos e frequentava o Campeche, mas ambas afirmaram que nada lembravam de Saint-Exupéry.¹²

Após estes pequenos trechos já podemos observar que dos cinco entrevistados, três não têm nenhuma lembrança especificamente de Saint-Exupéry e entre estes está o depoimento de D. Maria Julia que não apenas morava ao lado do campo de pouso, como também trabalhava desde os seus onze anos de idade (1929) até se casar em 1936, nos serviços domésticos da casa do chefe da aviação que também ficava dentro do Campo do Pouso do Campeche.¹³ Esta senhora teve um contato bastante próximo com as famílias dos aviadores que por ali passaram durante pelo menos sete anos e por isso causa estranheza o fato de ela afirmar que não se lembra de Saint-Exupéry. Quanto aos outros dois senhores que se recordam dele existe uma afirmação em particular que nos parece um pouco estranha sobre o aviador, e que num primeiro momento pode soar como um simples equívoco de um entrevistado, ou uma falha em suas lembranças: “ele não era piloto, acho que era mecânico, conversava em brasileiro, e morava na cidade vinha de caminhão pro Campo”. Porém, conforme iremos desenvolvendo este trabalho veremos que “simples equívocos” e informações ainda mais conflitantes ficarão cada vez mais presentes no estudo desta trajetória de Saint-Exupéry pelo Campeche. Como admite Juncks após as entrevistas: “(...) os momentos da vida dos entrevistados, percebidos pela sua idade e história de vida, não dialogam com as informações dos poucos documentos encontrados sobre Saint-Exupéry...”¹⁴

Existe um episódio particular da história do bairro que nos mostra a escassez de registros e fontes documentais a respeito da presença do piloto no Campeche. Trata-se exatamente da já referida homenagem ao aviador através da nomeação da avenida principal. Em 1987 a Câmara Municipal de Florianópolis aprova o Projeto de Lei Número 3.365 onde “Fica denominada Avenida ‘Pequeno Príncipe’, a via pública que parte da Rodovia SC-406 e que dá acesso à praia do Campeche”, a lei foi publicada no Diário Oficial da União no ano

¹²Ibidem, p. 92.

¹³Ibidem, p. 40-51.

¹⁴Ibidem, p. 92



Antoine de Saint-Exupéry e o Campeche: a legitimação de uma história sem registros escritos - Mariana Ferreira

seguinte. Porém, segundo Juncks não existe uma justificativa governamental para esta denominação, a autora menciona que um funcionário responsável pelo Arquivo da Câmara foi interrogado sobre esta falta de justificativa, ele respondeu que “muitos projetos são cuidadosamente justificados, para mostrar seu valor, enquanto representação. Mas que no caso do Campeche não precisou, porque todos sabem que o autor do *Pequeno Príncipe* pousava no local” e quando questionado sobre como obtivera tal informação sua resposta foi “que era morador do local”¹⁵.

Este momento é bastante significativo, pois demonstra que mesmo sem provas documentais que, segundo o funcionário responsável, era uma necessidade comum quanto a denominações de vias públicas, neste caso a história foi legitimada não só pela comunidade como também pelos órgãos públicos: “enquanto membro da comunidade, ele responde por ela, a legitimando e acreditando que sua história é de conhecimento de toda a cidade de Florianópolis.”¹⁶

Em 27 de março de 1991, é publicada uma matéria na Revista VEJA, realizada pela jornalista Daisi Vogel, intitulada: *Escala Campeche – Histórias do piloto-escritor Saint-Exupéry na ilha*, que inclui uma entrevista com Rafael Manoel Inácio, o “seo” Deca, morador do Campeche. Nesta matéria a jornalista afirma que nos voos de Saint-Exupéry “em precárias condições técnicas, uma escala se fazia obrigatória: as dunas gramadas da praia do Campeche” e que este teria deixado lembranças entre os pescadores da região, principalmente, em seu amigo mais próximo Deca, que devido a dificuldade com a língua francesa apelidou o piloto de “Zé Perri”. A entrevista é tão rica em detalhes sobre a amizade entre o pescador e o aviador que julgamos necessário transcrever seus apontamentos principais:

Deca sabe contar até a receita de peixe que ambos prepararam e comeram juntos. “Eu tinha meus 20 anos (e Saint-Exupéry seus 27) e nós saíamos a pescar juntos. A gente pegava corvina e pampo e fazia ensopado”, afirma ele.

¹⁵Ibidem, p. 94

¹⁶JUNCKS, op. cit., p. 94



Antoine de Saint-Exupéry e o Campeche: a legitimação de uma história sem registros escritos - Mariana Ferreira

O caldo de peixe temperado com alfavaca, servia para o pirão, feito com a farinha do engenho do pai de Deca. O beiju, aquela rosca seca de farinha fresca de mandioca, era outra especiaria local que Zé Perri não perdia – aguardava junto das bocas do forno de engenho. [...] Os engenhos de farinha, movidos por bois, há muito desapareceram. Só mesmo a antiga casa onde os pilotos franceses dormiam ainda está de pé [...] Deca sabe indicar a janela do quarto de Zé Perri, quando de suas andanças na região. [...] Deca lembra ter encontrado o amigo piloto umas doze ou quinze vezes, entre 1926 e 1939 [...] Mesmo convidado, Deca jamais voou. Mas Saint-Exupéry acompanhou de perto os seus voos: o casamento com Chica, hoje com 76 anos, a construção da casa de pau-a-pique e o nascimento da maioria dos seus catorze filhos, que fizeram a família se desdobrar em 103 netos e 61 bisnetos.¹⁷

Além desta matéria jornalística, existe outro registro escrito que se mostra ainda mais rico em detalhes sobre esta convivência. É a história contada por Getúlio Manoel Inácio, filho de Deca, no livro *Deca e Zé Perri*, onde pretende registrar as memórias das quais seu pai, falecido em 1993, lhe falava. Segundo este autor, a amizade inesquecível de ambos enfrentou os difíceis obstáculos advindos da diferença na língua e nas origens sociais e se incorporou definitivamente ao folclore da região; Inácio faz afirmações sobre a subjetividade do escritor, que: “Por ser uma pessoa de extrema sensibilidade (Saint-Exupéry), tudo o que observava e via, nos lugares por onde passava, servia de alimento às suas obras e, certamente, o Campeche lhe deu, e muito, desse material que tanto buscava.”¹⁸; Ele fala do cotidiano do encontro entre os amigos em que

Tudo começava com uma mensagem-rádio, fosse esta procedente de Buenos Aires ou do Rio de Janeiro, e o pessoal de terra de Florianópolis avisava o Deca que seu amigo Zé estava chegando. Isto significava pegar a tarrafa ou outro apetrecho de pesca para conseguir peixe fresco, tão apreciado pelo amigo francês. [...] Uma vez pousado e desligado o motor, a prestação de contas era efetuada rapidamente para assim poder encontrar-se com seu parceiro de aventuras.¹⁹

¹⁷MOSIMANN, op. cit., p. 103.

¹⁸INÁCIO, Getúlio Manoel. *Deca e Zé Perri*. Campeche: s.n., 2001. p. 28.

¹⁹INÁCIO, op. cit. p. 36-38.



Antoine de Saint-Exupéry e o Campeche: a legitimação de uma história sem registros escritos - Mariana Ferreira

O autor também menciona passeios pelas Lagoas do Peri, Lagoa Pequena, Lagoa da Chica e incursões de caça onde era “comum ver o Zé soltar os pássaros das arapucas ou desistir de abater uma cutia. Ninguém se surpreendia, e muito menos o Deca, que sabia do proverbial amor aos animais que o piloto cultivava.”²⁰

O aviador teria até frequentado a casa de Deca e feito refeições com ele, apreciando a culinária local: “Pelos bijus Zé Perri tinha-se apaixonado e, na boca do forno de engenho de farinha, se deixava estar, ansioso para estes ficarem prontos.”²¹

Sobre a cumplicidade dessa amizade, as dificuldades com a linguagem e os passeios de Saint- Exupéry pelo centro da cidade de Florianópolis, Inácio detalha que

Sentados nas dunas, com o vento batendo nas faces, olhando o mar e, à sua frente, a ilha do Campeche, muitos sonhos e facetas foram revelados em voz alta. Falavam das andanças de um pelo centro da cidade, dos namoricos e galanteios do outro com as belas moças locais, das experiências pelo mundo grande e das experiências pelo mundo pequeno. Levavam longe as conversas e, junto com elas, as horas, entre gargalhadas e dúvidas, pela dificuldade da linguagem e de se haver entendido. E assim, cada retorno do piloto era aguardado com ansiedade pelo jovem ilhéu para seguir mostrando os tesouros de seu pequeno-grande mundo. Ora caminhavam pela praia, ora faziam juntos as refeições na casa do pescador ou no casarão da administração.²²

Da página 56 até a página 70 do livro Inácio reúne elementos com os quais pretende “ampliar informações e esclarecer fatos”²³ que são, porém, refutados um a um no livro de Mosimann através da vasta documentação existente sobre a biografia de Saint-Exupéry, cuja trajetória não corresponde com nenhuma das detalhadas descrições anteriores sobre a amizade com o pescador.

Este debate apresenta polos tão distintos que, como autora deste trabalho, entendo que não poderia tentar equilibrar uma pretensa imparcialidade ou neutralidade, portanto, gostaria

²⁰Ibidem, p. 40.

²¹Ibidem, p. 42.

²²Ibidem, p. 45-46.

²³Ibidem, p. 56.



Antoine de Saint-Exupéry e o Campeche: a legitimação de uma história sem registros escritos - Mariana Ferreira

de deixar explícito que me utilizo do ponto de vista defendido por João Carlos Mosimann, que pretendo explicitar na sequência, no que diz respeito à questão aqui trabalhada e que pretendo desenvolver: a ausência de fontes documentais sobre Saint-Exupéry no Campeche.

A matéria da revista *Veja* que já apresentamos, Informa que seu Deca encontrou-se com o piloto diversas vezes entre os anos de 1926 e 1939, porém Saint-Exupéry esteve na América do Sul por apenas um ano e quatro meses, “exatamente entre 12 de outubro de 1929 e 31 de janeiro de 1931, quando retorna definitivamente a França por navio”.²⁴ Isto também nos leva a questionar a afirmação da mesma reportagem de que Saint-Exupéry teria acompanhado o nascimento da maioria dos catorze filhos de Deca.²⁵ Além disso, o Campo de Pouso do Campeche fazia parte da Linha Rio – Buenos Aires que não era realizada pelo piloto. Saint-Exupéry chefiou, no período em que esteve na América do Sul, a *Aeroposta Argentina*, ele “morou em Buenos Aires durante este período, curto por sinal, inaugurando e supervisionando as linhas da Patagônia, Mar Del Plata e do Paraguai”²⁶ e o percurso que realizava cotidianamente pertencia à Linha Comodoro Rivadavia – Estreito de Magalhães, ou seja, somente da Argentina à fronteira sul com o Chile.²⁷ Existe uma única carta de Saint-Exupéry em que ele se dispõe a realizar um voo do correio na Linha Rio – Buenos Aires, pois fica sabendo que uma amiga sua viajará para o Rio de Janeiro, porém em outra carta ele lamenta saber que sua amiga já esteve na cidade brasileira e que ele perdeu a oportunidade de encontrá-la.²⁸ Em 1930 Saint-Exupéry, devido a sua grande experiência como piloto, é convidado pela Companhia a inaugurar a linha Buenos Aires – Montevideu – Rio que iria dispor de aviões maiores para o trajeto. Deste, existem registros de sua passagem pelo Brasil: “Às 3h45 de 16 de abril de 1930, ele mesmo decolava de Pacheco, inaugurando essa linha auxiliar, com escalas em Montevideu, Porto Alegre e Santos, deixando de fora Pelotas e Florianópolis. [...] O retorno deu-se no dia seguinte, dia 17, às 19horas.”²⁹ Segundo

²⁴MOSIMANN, op. cit., p. 104.

²⁵Ibidem, p. 105.

²⁶Ibidem, p. 104.

²⁷Ibidem, p. 104.

²⁸ Ibidem, p. 79-83.

²⁹ Ibidem, p. 81.



Antoine de Saint-Exupéry e o Campeche: a legitimação de uma história sem registros escritos - Mariana Ferreira

Mosimann, “nas únicas ocasiões em que pousou em Pelotas, e muito provavelmente em Florianópolis, tratava-se de rápidas escalas técnicas”.³⁰

Estas descrições são ricas em termos de registros documentais, pois utilizam-se da vasta documentação deixada pela Companhia aérea que tinha a exigência material de que todos os percursos fossem rigorosamente registrados, incluindo principalmente os horários de decolagem, escalas e chegada ao destino final dos pilotos. É evidente que Saint-Exupéry poderia, em algum momento, ter passado por Florianópolis, isto é perfeitamente plausível, porém em se tratando de uma empresa com tamanha rigorosidade de registros é no mínimo curioso que não haja prova documental de sua presença no Campo de pouso do Campeche e deixa ainda mais distante a possibilidade de uma grande amizade com um dos moradores locais.

Mosimann defende que esta ausência de provas materiais deve-se a um equívoco

A figura associada a Saint-Exupéry por terceiros, chamada de Zé Perri ou Zé Peri, era indiscutivelmente outra pessoa, amiga de Seu Deca, não restam dúvidas, mas outra pessoa. Alguém capaz de permanecer uma semana em Florianópolis em inúmeras oportunidades. Justiça seja feita: em nenhum momento o pescador refere-se a Saint-Exupéry, sendo Zé Perri associado ao nome do piloto principalmente por jornalistas e por seu filho Getúlio.³¹

Em seu livro, Mosimann traz uma descrição extremamente detalhada, mês a mês, das atividades que Saint-Exupéry desenvolvia na Argentina no período em que lá esteve, sempre ressaltando que o trabalho na linha Comodoro Rivadavia – Estreito de Magalhães que ele realizava era exaustivo e extenuante, e que no tempo que lhe sobrava ele dedicava-se a escrever. A obra *Vôo Noturno* foi escrita nesse período e publicada em 1931.

Os argumentos dos que defendem não somente a presença como também a amizade entre Deca e Antoine de Saint-Exupéry, representados principalmente por Getúlio Manoel Inácio são extremamente conflitantes com a biografia e a trajetória de vida do aviador.

³⁰ Ibidem, p. 104.

³¹ MOSIMANN, op. cit. p. 105.



Antoine de Saint-Exupéry e o Campeche: a legitimação de uma história sem registros escritos - Mariana Ferreira

A própria ausência de fontes documentais sobre este visitante ilustre na cidade de Florianópolis já nos diz algo importante sobre estes posicionamentos. Enquanto alguns lamentam a inexistência de maiores informações responsabilizando o “fato do Brasil não preservar e guardar sua memória escrita”³², Mosimann defende que é vastíssima a documentação que prova que Saint-Exupéry não esteve no Campeche ou se esteve, no máximo em dois episódios também não registrados, foi durante rápidas paradas para reabastecimento chegando ao destino final no mesmo dia.

Podemos afirmar que a memória que foi construída em torno das lembranças de Deca tomou grandes proporções materiais através de terceiros: a suposta amizade entre o pescador e o avião promoveu diversas matérias jornalísticas, impressas ou televisionadas, um samba enredo de escola de samba do município no desfile de Carnaval de 1995, um marco em homenagem aos pioneiros da aviação na Avenida Pequeno Príncipe, exposições culturais entre outras manifestações. Mas, a iniciativa de maior vulto é o projeto “De Saint-Exupéry a Zepéri” idealizado por Mônica Cristina Corrêa, PhD em Literatura comparada Brasil-França pela Universidade de São Paulo, segundo ela

pela proximidade com os pescadores, a memória da passagem dos pilotos em especial do piloto-escritor Antoine de Saint-Exupéry, embrenhou-se na História da cidade, apesar de muito fragmentada. Nosso projeto tem por objetivo reabilitá-la com duas ações: realização de um vídeo-documentário (lançado em maio de 2011) sobre a passagem do escritor em Santa Catarina e restauro do antigo casarão do Campeche, transformado no "Memorial Pilotos e Pescadores".³³

Ao admitir a fragmentação das informações, Corrêa legitima o projeto, não através de fontes históricas visto que não as encontrou, mas sim pela proposta de restauração da casa que serviu de dormitório e refeitório aos funcionários da Companhia e que permanece preservada

³²JUNCKS, op. cit., p. 93.

³³CÓRREA, MÔNICA CRISTINA. Saint-Exupéry, o Zepéri. Disponível em: <<http://www.facebook.com/pages/Saint-Exup%C3%A9ry-o-Zepéri/200670733281772>>. Acesso em 01/06/2013.



Antoine de Saint-Exupéry e o Campeche: a legitimação de uma história sem registros escritos - Mariana Ferreira

no local, e pela realização de um documentário, chamado *De Saint-Exupéry a Zepferri*, de 50 minutos, sobre uma história (presença de Saint-Exupéry em Florianópolis e sua amizade com seu Deca) da qual nunca apareceu nenhuma foto para ilustrar. Minha intenção com esta observação não é criticar a preservação da memória através da restauração do antigo casarão, pois considero relevante o momento histórico que ela representa: o pioneirismo da aviação francesa e as relações estabelecidas com a comunidade do Campeche. Porém, legitimar toda a importância desse empreendimento através da presença do ilustre visitante Antoine de Saint-Exupéry é algo que deveria exigir embasamento por fontes históricas, o que até hoje não ocorreu, e que explica a necessidade de validar a história com a criação de um vídeo-documentário.

O artigo de Joice Farias e Vera Lucia Nehls Dias, *Urbanização do Campeche: identidade étnica e experiência dos nativos*, nos ajuda a compreender esse movimento de apropriação da história: “De singular, a experiência do Seu Deca foi estendida aos demais moradores, conformando a história institucionalizada do lugar.”³⁴

Este episódio da história cultural da cidade, tem para aqueles que se aventuram, que pensam o bairro Campeche, um significado muito mais amplo. Falam daquelas partes de contato entre o mundo da oralidade da antiga comunidade e o universo letrado dos moradores estrangeiros, ávidos por fragmentos de memória que possam conferir dignidade histórica as experiências dos primeiros.³⁵

Se não existem registros escritos da época, não podemos deixar de mencionar a valiosa contribuição das fontes orais para a elucidação deste caso. O depoimento do Sr. Sapiroca que no início deste trabalho parecia contraditório e até equivocado afirmando que Peri era um mecânico e que falava em português, agora dá luz a esta nova interpretação trazida por Mosimann: Deca tinha sim, um amigo chamado Zé Peri que trabalhava no campo de pouso e

³⁴ FARIAS, Joice; DIAS, Vera Lúcia Nehls. Urbanização do Campeche: identidade étnica e experiência dos nativos. In: *Revista Percursos: Núcleo de Estudos em Políticas Públicas da UDESC*, v. 1, n. 1, Florianópolis, 2000, p. 53.

³⁵ *Ibidem*, p. 54.



Antoine de Saint-Exupéry e o Campeche: a legitimação de uma história sem registros escritos - Mariana Ferreira

com o qual conviveu neste período de mais de dez anos em que a Aéropostale esteve no Campeche, o que ninguém consegue provar é que esse amigo seja Antoine de Saint-Exupéry.

Impressiona a dimensão que esta história tomou, tendo partido segundo Mosimann de um “simples equívoco”. O que observamos é que independentemente da falta de fontes, a história continua sendo legitimada pela comunidade, pelos órgãos públicos e pela mídia, o que também mereceria um estudo mais aprofundado.

Referências

CÔRREA, MÔNICA CRISTINA. De Saint-Exupéry a Zepferri. Disponível em: <<http://www.zepferri.org/o-projeto/sobre-o-projeto/>>. Acesso em 01/06/2013.

CÔRREA, MÔNICA CRISTINA. Saint-Exupéry, o Zepferri. Disponível em: <<http://www.facebook.com/pages/Saint-Exup%C3%A9ry-o-Zepferri/200670733281772>>. Acesso em 01/06/2013.

DELGADO, Lucilia Neves. *História oral: memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

FARIAS, Joice; DIAS, Vera Lúcia Nehls. Urbanização do Campeche: identidade étnica e experiência dos nativos. In: *Revista Percursos: Núcleo de Estudos em Políticas Públicas da UDESC*, v. 1, n. 1, p. 54, Florianópolis, 2000.

INÁCIO, Getúlio Manoel. *Deca e Zé Perri*. Campeche: s.n., 2001.

JUNCKS, Kátia Regina. *Eles franceses voadores lá, nós ilhéus cá – História do Campeche enquanto campo de pouso da aviação francesa, primeira metade do século XX* – Trabalho de Conclusão de Curso UFSC – Florianópolis, 1995.

MOSIMANN, João Carlos. *Os aviadores franceses, a América do Sul e o Campeche*. Florianópolis: Edição do autor, 2012.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS. Casarão no Campeche vai preservar memória da Aéropostale. Disponível em: <<http://www.pmf.sc.gov.br/noticias/?pagina=notpagina¬i=6065>>. Acesso em 01/06/2013.



Antoine de Saint-Exupéry e o Campeche: a legitimação de uma história sem registros escritos - Mariana Ferreira

Recebido em 04 de junho de 2013.

Aceito para publicação em 04 de julho de 2013.